

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

VESTÍGIOS DO CULTO DOS LARES EM TERRITÓRIO PORTUGUÊS.

ENCARNAÇÃO, José D'

Ano: 1972 | Número: 82

Como citar este documento:

ENCARNAÇÃO, José D', Vestígios do culto dos lares em território português. *Revista de Guimarães*, 82 (1-2) Jan.-Jun. 1972, p. 91-104.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Vestígios do Culto dos Lares em Território Português (1)

Pelo Dr. JOSÉ D'ENCARNAÇÃO
Professor do Ensino liceal, Membro da Associação
dos Arqueólogos Portugueses

Elencamos alguns subsídios para o estudo das inscrições romanas dedicadas (ou supostamente dedicadas) a Lares cujo epíteto se poderá considerar indígena: *Lares Cairienses*, *Cerenaeci*, * *Cusicelenses*, * *Erredici*, * *Findenetici*, *Flaviae Conimbricae*, * *Lubanci*, * *Tarmucenbaeci*, *Oeceaeci*, * *Turolici*, * *Larisefius* (2).

Sobre cada uma destas inscrições, indicaremos as referências bibliográficas mais importantes, sublinhando depois as observações que reputarmos convenientes.

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

— ABREU (Thomé de Távora e), *Noticias Geographicas e Historicas da Provincia de Tras-os-Montes, 1722-3*. Manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa.

— ALARCÃO (Jorge de), R. ETIENNE e G. FABRE, *Le Culte des Lares a Conimbriga (Portugal)*, in «Comptes Rendus de l'Académie des Inscriptions et Belles Lettres», Paris, 1969, pp. 213-236.

(1) O presente trabalho é, na essência, parte da nossa tese de licenciatura «Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal» (Faculdade de Letras de Lisboa, 1969).

(2) ALARCÃO, *Le Culte...*, p. 224: referem também os *Lares Equites*, de Conimbriga, cuja epígrafe se perdeu.

— ALBERTOS (Maria Lourdes), *Nuevos Antroponimos Hispánicos*, in «Emerita» (Madrid), tomo XXXII (1964), pp. 209-252, tomo XXXIII (1965), pp. 109-143.

— ALMEIDA (D. Fernando de), *Egitânia, História e Arqueologia*, Lisboa, 1956.

— ARGOTE (D. Jerónimo Contador de), *Memorias para a Historia Ecclesiastica do Arcebispado de Braga, Primaz das Espanhas*, tomo I, Lisboa, 1732.

— BLÁSQUEZ MARTINEZ (José Maria), *Religiones Primitivas de Hispania*, vol. I — *Fuentes Literarias y Epigraficas*, Roma, 1962.

— CIL — HÜBNER (Emílio), *Corpus Inscriptionum Latinarum*, vol. II, Berlim, 1869.

— CORREIA (Virgílio), *Museu Machado de Castro — Secções de Arte e Arqueologia — Catálogo-guia*, Coimbra, 1944.

— HÜBNER (Emílio), *Noticias Archeologicas de Portugal*, in «Memórias da Academia Real das Sciencias de Lisboa — Classe de Sciencias Moraes, Politicas e Bellas-Lettras», nova série, tomo IV, parte I, 1872. Relatório apresentado à Academia Real das Ciências de Berlim, em 1861.

— LV — VASCONCELLOS (J. Leite de), *Religiões da Lusitânia na Parte que principalmente se Refere a Portugal*, vol. II, Lisboa, 1905.

— RODRIGUES (M. de Lurdes), *Inscrições Romanas do Museu Machado de Castro*, in «Humanitas», nova série, vol. VIII-IX, Coimbra, 1959-1960, pp. 112-132.

— TOVAR (A.) e NAVASCUÉS (J. M.), *Algunas Consideraciones sobre los Nombres de Divinidades del Oeste Peninsular*, in «Miscelânea de Filologia, Literatura e História Cultural à memória de F. A. Coelho», vol. II, Lisboa, 1950, pp. 178-191.

I

LARES CAIRIENSES

A lápide votiva a estes Lares foi encontrada em Setembro de 1954, na Quinta da Nave Aldeã, Zebreira, Idanha-a-Nova. Foi oferecida pelo Sr. D. Fernando de Almeida ao Museu Francisco Tavares de Proença, de Castelo Branco.

1956 — ALMEIDA, *Egitânia*, p. 268

«CELTIEN/VS CANA/PI (ou *Cavapi*) F(ilius) LARI/BVS CAI/RIESIBVS. | V(otum) L(ibens) M(erito) S(olvit)». «O nome do dedicante é nitidamente celta. O pai de um celta era, que mais não fosse por esse facto, celta também: por isso, *Canapi* ou *Cavapi* é certamente da mesma origem. Os Lares de Cairienses, ou Cairiesenses, seriam os de um lugar com este nome e que se perdeu. A palavra é com certeza celta e deriva de *Caera*, que significa ovelha (...).».



Foto 1 — Lápide aos Lares Cairienses

Observações

Sobre *Canapi*, ver «Emerita» XXXII, p. 236; sobre *Celtiennus*, ver ibidem, p. 239.

Parece-nos plausível interpretar *Cairiesibus* por *Cairie(n)sibus*, de acordo com o que sucede numa lápide do Museu de Guimarães, onde o epíteto *Laquiniensi* (em dativo), aplicado a um Génio, está por *Laquiniensi* (LV, Rel II 195).

II

LARES CERENAECI

A lápide votiva a estes deuses foi encontrada na igreja de S. Salvador de Tuias, concelho de Marco de Canavezes. Está no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia.

1732 — ARGOTE, *Memórias* I, pp. 157-158

«Cerenecos, ou Cerenaios, eram uns povos particulares que parece estavam situados no concelho de Tuias (...): faz menção deles a inscrição (...) que se diz desta sorte: LARIBVS / CERENA / FCIS. NIL / ER. PROC. / VI II. PV. L. S. Quer dizer: Nilo Erredio, Procurador das estradas públicas, por voto que tinha feito de boa vontade, dedicou esta memória : aos deuses das casas dos Cerenecos. Até aqui : nem em geógrafo nem em historiador algum achei li notícia destes povos» (pp. 157-158). Fonte da notícia: Craesbeck, *Memórias remetidas à Academia Real*, no 10 tít.º 15, cap. 5.

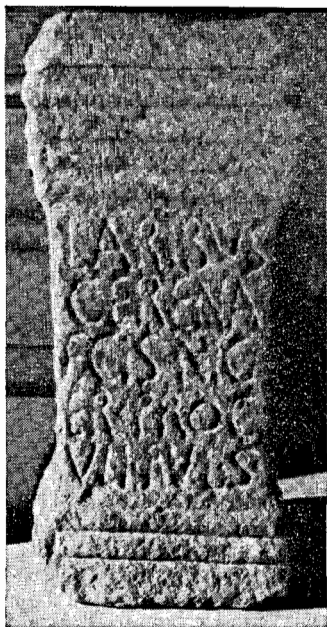


Foto 2 — *Lápide aos Lares Cernaeci*

seja: Níger, filho de Próculo, cumpriu de boa vontade o voto aos Lares Cernaicos.

O dedicante e seu pai têm nomes romanos...

Sobre o possível lugar ou povo de que estes deuses eram os protectores, nada sabemos dizer.

1861 — HÜBNER, *Noticias*, p. 80.

«LARIBVS / CERENA / ECIS. NIG / ER. PROC. / VI II. PV. L. S.»

Observações

É fácil a interpretação da epígrafe: *Laribus / Cernaecis Nigler Proculus filius (otum) libens solvit*. Ou

III

* LARES CUSICELENSES

A pedra com a inscrição votiva a estes Lares foi encontrada numa povoação arruinada junto ao lugar do Couto de Algeriz, Chaves. Desconhece-se o seu paradeiro.

1728 — ABREU, *Noticias*, fl. 44-v

«(...) A qual está hoje posta em uma capela do mesmo lugar. E como eu não fui copiá-la, receio que tenha alguns erros». «LARIBVS.CV/SIFLENBVS/Q.NIVIVS.PLACI / DI.F.ENVINS / V.S.L.M» (Carta a Argote, 20/VI).

1732 — ARGOTE, *Memorias*, I, pp. 300-301

Transcreve Abreu e traduz: «Quer dizer: Quinto Nívio Enuino, de boa vontade cumpriu o voto, que fizera, de pôr esta memória aos deuses das casas aquiflavenses».

1869 — CIL II 2469

Cita Argote e propõe, *dubitativamente*, a seguinte leitura: *Laribus Cusic[e]lens[i]bus Q. [Ful]pius Placidi f. [Fla]vin[us] v.s.l.m.*

Observações

A dubitativa interpretação de Hübner é, talvez, demasiado arbitrária. Evidentemente, sem a lápide reaparecer, as hipóteses serão gratuitas.

IV

* LARES ERREDICI

Em Dezembro de 1721, a pedra com a inscrição dedicada, possivelmente, a estes Lares estava no adro da igreja de S. Pedro de Agostem, Chaves. Desconhece-se o paradeiro actual.

1728 — ABREU, *Noticias*, fl. 117

Segundo o desenho, a lápide diz: LAEBVS + /
ERREDIO / S RVFVSE / XVOTO+.

1732 — ARGOTE, *Memorias* I, p. 293

«IAEIBUS / ERREDIO / S RUFUS E/X VOTO.

Quer dizer: Sexto Rufo, por voto, que tinha feito, pôs esta memória a Jaeibo Erredio. Parece que devia ser ou alguma falsa divindade ou nome de algum gentio ou há erro nas letras».

1869 — CIL II 2470

Reconstitui: «LARIBVS / ERREDICI/S RVFVS E/X
VOTO».

1962 — BM, RPH, p. 132

«LARIBVS / ERREDICI(is) / S(ervius) RVFVS E/X
VOTO».

Observações

A interpretação de Hübner não deixa de ser convidativa. É-nos, porém, forçoso manter certas reservas, porque a base é uma cópia bastante incerta do séc. XVIII. As dúvidas subsistem.

V

* LARES FINDENETICI

Em Seleirós, lugar a nascente de Chaves, num monte foi encontrada uma lápide onde se lia presumivelmente, este teónimo. Está perdida.

1722 — ABREU, *Noticias*, fl. 118

«ALBINVS/BALESIN/I.LARIPVS/FIN.DLNEI/
ICI.SLI.BE/NS.POSVI».

1732 — ARGOTE, *Memorias* I, pp. 287-288

«A interpretação da inscrição eu não a sei; nela contudo se faz menção de um homem, chamado Albino, e parece querer dizer: Albino, filho de Balesino, natural da cidade de Benis, pôs esta memória aos deuses das casas. O demais absolutamente o não percebo».

1869 — CIL II 2471

Corrige para *Laribus* e opina que talvez se possa escrever PINDENETICIS, relacionando com *gens Pintonum*, *Pintamus* (nome) e *Pintia* (cidade). «ALBINVS / BALESIN/ I.LARIBVS / PINDENET/ICIS.LIBE/NS POSVIT».

1905 — LV, Rel II, pp. 181-182

«A mim parece-me que a comparação com *Pintonum* e *Pintamus* não é suficiente para alterar em P o F, e por isso conservo a lição original» (p. 182). Interpreta *Findenetis*. «A forma *Balesini* (derivado de *Balaesus*?) é também incerta» (p. 182).

1962 — BM, RPH, pp. 132-133

Segue LV. «O nome do oferente surge com frequência em inscrições hispânicas (...). O do pai é um derivado de *Balaesus* que aparece mais duas vezes (CIL II 930, 5719)» (p. 132). «O adjectivo provavelmente formou-se sobre um topónimo» (p. 133).

Observações

As dúvidas superam as certezas. Assim, nada de positivo lograremos apurar.

VI

LARES FLAVIAE CONIMBRICAE

A ara dedicada a estes Lares foi achada em Conímbriga (1967). Está no Museu Monográfico de Conímbriga.

1969 — ALARCÃO, *Le Culte...*, pp. 213-217

Transcrição: FL(*aviae*) CONIMBRICA[E] / ET LARIB(*us*) EIV[S] / [...]IVS FAVSTV[S]. Tradução: *A Flávia Conimbrica e aos seus Lares... Fausto*. «Este documento merece deter a nossa atenção, na medida em que pela primeira vez nos dá a certeza de que este *oppidum* da Lusitânia se tornou município flaviano, de que se denominava *Conimbrica* e não *Conimbriga*, e também na medida em que o culto dos Lares nos esclarece o processus da romanização no noroeste da Península Ibérica» (p. 213).

VII

* LARES LUBANCI

Esta inscrição encontrou-se extra-muros de Conímbriga, em 1938. Está no Museu Monográfico de Conímbriga.

1944 — CORREIA, *Museu...*, n.º 25

«Lápide votiva com inscrição: LARES LUBANC. DOVILONICOR.HORVM.ALBVIV CAMAL.F.SCR.»

1960 — RODRIGUES, *Inscrições...*, p. 122

«LARES LUBANC. / DOVILONICOR. / HORVM. ALBV.IV / CAMAL.F.SACR. Esta estranha inscrição em 4 ll. encontrada numa lápide possivelmente votiva,

partida ao meio (...) deve ser indígena. CAMAL, pelo menos, é nome nitidamente indígena. A separar palavras tem folhas de hera».

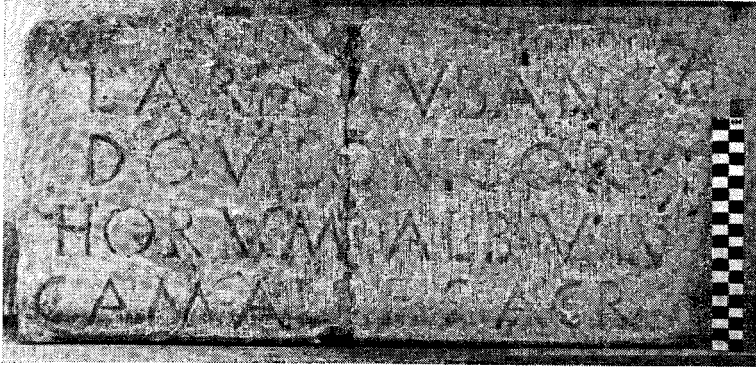


Foto 3—Lápide aos Lares Lubanci

1969 — ALARCÃO, *Le Culte...*, pp. 221-222

Transcrevem: LARES LVBANC(i) / DOVILO-NICOR(um) / HORVVM, ALBVI(us) / CAMAL [I ou AE] F(i)lius SACR(um). Traduzem: «Os Lares Lubanci dos Divilonici, aos (lares) destes, Albius, filho de Camal(us ou a) consagrou [esta pedra]». Consideram o V final da 3.^a l. a transformação duma *hedera distinguens* apagada. «É preferível subentender *laribus* antes de *borum* para esclarecer esta inscrição votiva. Em todo o caso, os Lares assim denominados designam justamente divindades célticas honradas por um celta, filho de celta» (p. 222).

Jacques Heurgon, em comentário à comunicação, prefere ligar *Horum* a *Divilonicorum*: «Os Lares Lubanci dos Divilonici que estão aqui» (pp. 235-6).

Observações

Esta inscrição é realmente «estranha», até porque principia por um nominativo, quando seria de esperar um dativo, *Laribus*.

Concordamos, na generalidade, com a reconstituição feita pelos autores citados em último lugar. Conhece-se, por exemplo, o genitivo *Albui* (cfr. «Emerita» XXXII, p. 217). Contudo:

- a) mantém-se inexplicável o nominativo inicial;
- b) o dedicante deve ser *Camali filius*: o espaço e o sulco vertical ainda visível na pedra não permitem a leitura *Camalae*. De resto, os autores dizem-no claramente: «(...) um I sem qualquer dúvida»; e, depois, admitem incompreensivelmente a hipótese do feminino;
- c) resta saber quem são os *Lubanci* e os *Dovilonici* aqui nomeados;
- d) achamos preferível traduzir: «Os Lares Lubanci destes Dovilonici. Albuius, filho de Camalus, consagrou».

VIII

*LARES TARMUCENBAECI OECEAEICI

Achada no lugar da Granjinha (Chaves), a epígrafe dedicada a estes Lares está no Museu Municipal de Chaves.

1869 — CIL II 2472

LARIBVS TAR/MVCENBACIS / CECEAEICIS / RARI-VSRAVV / V S L M. Manda confrontar a 4.^a l. com o nome de deus *Raeweanabaraecus* (sic). Não interpreta nem faz qualquer outra observação.

1905 — LV, Rel II, pp. 179-181

«(...) Todavia a leitura não é certa (...)» (p. 180) Refere a inscrição galaica aos *Dii Ceceaigi*. Considerando não ser «ilegítimo» supor que uns mesmos lares fossem adorados do lado de lá e do de cá», LV conclui: «Ainda assim, isto que digo é pura hipótese, pois nos falta a limpidez dos textos epigráficos» (p. 181).



Foto 4—Lápide aos Lares Tarmucenbaeci
Oeceaeci

1962—BM, RPH,
pp. 130-131

Segue Hübner. «A primeira parte do adjectivo parece ser um topónimo, baseado porventura no antropónimo celta *tarvos*, que entra na formação de nomes de cidades (...); o segundo adjectivo tem o sufixo *-aecus* (...)» (p. 131). Refere a inscrição aos *Dii Ceceaigi*, que considera a «mesma divindade», «aqui na forma surda, na Galiza na sonorizada» (p. 131).

Observações

É curioso como a maioria dos investigadores, mesmo após o reaparecimento da ara, continua a seguir a interpretação de Hübner, que apenas deu uma leitura conjectural.

Não nos foi possível examinar a pedra ao vivo. No entanto, *pela foto*, parece-nos lógica a seguinte interpretação provável:

[L]ARIBV[S] [T?]A[R?]MVCENBAECIS/OECAECIS/
[L]AELIVS(?) RAVV(s) (?) / V(otum S(olvit) L(ibens)
M(erito).

Não encontramos forma de explicar o sentido dos epítetos destes Lares. Supondo *-aecis* um sufixo (em dativo plural), teríamos os radicais *Tarmucenb-* e *Oece-*, cujo significado desconhecemos.

IX

* LARES TUROLICI

A epígrafe relativa a estes deuses estaria localizada em Freixo de Numão, Devesa, Meda. Nada mais se sabe do seu paradeiro.

1732 — ARGOTE, *Memorias* I, pp. 162-163

«CATUENUS.D./OCQUIRINI.F. / LARIB.TUROL/IC.CO-NSAGR. Quer dizer: Catueno Decurião, filho de Ocquirino, consagrou esta memória aos deuses das casas dos povos Turolenses. Bem sei que outros verterão noutra forma a letra e dicção D, eu não duvidarei se possa verter de muitos modos. Porém já desta inscrição vimos em conhecimento de que havia os sobreditos povos Turolol. Nem faça dúvida o estar esta inscrição mui distante do sítio onde colocamos os tais povos». Fonte: Inscrição remetida à Academia.

1869 — CIL II 431

Transcreve Argote e anota: «Traz DOCQUIRINI, restituí *Docquirici*, que se encontra em inscrições de Emerita».

1905 — LV, Rel II, p. 184

«O texto diz: *Catuenus Docquirici f(ilius) Larib(us) Turolic(is) sacr(avit)*. — De *Catuenus*, quer nessa forma, quer na feminina *Catuenas*, há outros exemplos (...) e parece ser palavra céltica (...). *Docquiricius* é também palavra que aparece mais vezes (...)

1962 — BM, RPH, p. 132

«O adjectivo que acompanha *Lares* está formado sobre o nome de uma *gens* lusitana, citada numa inscrição achada em Caldas de Lafões, Viseu (CIL II, 420)».

Observações

A versão publicada por Argote não é de molde a merecer inteira confiança. De resto, segundo este autor, dever-se-ia ler LARIB(us) TVROLIC(ensium).

Não reputamos demasiada prudência a abstenção de interpretações perante uma base tão frágil.

X

* LARISEFIUS

Veio de Adaúfe, concelho de Braga, a lápide dedicada a este deus. Esteve no Seminário de Braga: «Há 21 anos, quando vim para cá, procurei-a por todos os cantos e não dei com ela. A soldadesca houve por bem desfazer-se dela para o entulho!» (P. Dr. Luciano Santos, Reitor do Seminário, em carta de 13/XI/1969).

1905 — LV, Rel II, pp. 334-335

Dificuldades de leitura: a 1.^a letra só tem um traço; as seis seguintes são certas; a 8.^a pode ser F ou, mais provavelmente, um I. A 1.^a letra da 2.^a l. «podia ao repente parecer D, mas é O. Depois há um espaço e uma depressão, onde parece não ter havido letra nenhuma». Diria, pois: *Larisefio Com/es pro sa/lute sua | et suoru(m)*, isto é: «Comes, pela sua saúde e dos seus, dedicou (este monumento) a(o deus) Larisefius(?)». «Ou *Lariseffo*. Também podia pensar-se em *Lari Sefio* ou *Lari Seffo*. Conquanto haja exemplos de inscrições consagradas a um só Lar, o mais frequente é que esta palavra esteja no Plural (*Laribus*); por isso opto por que nos achemos diante do nome de um deus bárbaro» (p. 335). «*Comes* é o nome comum *comes*, *itis*, companheiro, companheira, tornado nome próprio, que tanto o pode ser de homem, como de mulher. É muito usado como *cognomen* romano (...). O fenómeno era frequente; «por isso *Comes* nada tem de anormal» (p. 335).

1950 — TOVAR, *Algumas...*, p. 183

Escrevem *Larisefio*.

1962 — BM, RPH, p. 133

Segue LV. Inclina-se para que sejam duas palavras independentes. «Não há dúvida, porém, que se trata duma divindade com as mesmas características dos Lares». A propósito de *Comes*: «Na Península, é a única vez, nesta ara, que se observa com esta palavra a passagem dum nome comum a próprio».

Observações

São pertinentes as observações de LV. Pode tratar-se efectivamente duma divindade com as características dos *Lares*, mas o seu nome é duvidoso.

Conclusões

1.^a) Exceptuando os epítetos *Cairienses*, *Cerenaeci*, e os *Lares de Conimbrica*, todos os outros são duvidosos.

2.^a) Aguardemos os progressos dos estudos da Etnografia pré-romana para se obterem alguns dados a respeito dos povos tutelados por estes Lares.

3.^a) Embora o pareça à primeira vista, não são realmente abundantes as epígrafes dedicadas a estas divindades em território português: apenas de cinco se conhece o paradeiro.